

O Tribunal de Família

Um dia, Antón Vassílev, feitor de uma propriedade distante, tendo acabado de falar à sua bárynia¹, Arina Petrovna Golovliova, da viagem que fizera a Moscovo para receber os impostos dos servos que lá viviam, e tendo já recebido licença para voltar às dependências do pessoal, vacilou levemente ao sair, como se houvesse ainda qualquer coisa mais que hesitasse em relatar.

Arina Petrovna, que entendia os mínimos gestos e os mais íntimos pensamentos da sua gente, ficou logo alarmada.

«O que há ainda?», perguntou, encarando-o fixamente.

«É... é tudo», tentou responder Antón Vassílev.

«Nada! Há qualquer coisa que me queres esconder. Ou julgas que não percebo pelos teus olhos?»

Antón Vassílev, no entanto, não se decidia, e assentava o corpo ora num pé ora no outro.

«Fala! Que tens tu ainda para me contar?», gritou-lhe Arina Petrovna em tom autoritário. «Fala! Não fiques para aí encolhido... grande vira-casacas!»

Arina Petrovna gostava de pôr alcunhas ao seu pessoal doméstico e administrativo. A Antón Vassílev chamava «vira-casacas», não porque duvidasse da sua fidelidade, mas porque tinha a língua muito solta. Na propriedade que administrava, havia uma aldeia que era um importante centro comercial, com grande número de estalagens. Antón Vassílev gostava de passar lá o tempo a bebericar chá e a alardear a onipotência da sua bárynia, e, na sua fanfarronice, não tardava em falar de mais. E como Arina Petrovna andava sempre em demandas, muitas vezes acontecia que a tagarelice do seu homem de confiança desmascarava as artimanhas da bárynia antes de poderem ser postas em prática.

«Há uma coisa, realmente...», acabou por murmurar Antón Vassílev.

«O quê? O que é?», perguntou, alarmada, Arina Petrovna. Sendo uma mulher muito dominadora e possuindo, além disso, grandes dotes criativos, imaginou logo um quadro de todas as coisas que podiam ser ditas ou feitas contra si, e essa ideia dominou-a com tal violência que empalideceu e deu um salto da cadeira de braços.

«Stepán Vladímirtch vendeu a casa de Moscovo...», anunciou lentamente o feitor.

«Quê?»

«Vendeu-a.»

«Porquê? Como? Deixa de gaguejar, fala!»

«Por dívidas, imagino eu! Pois boas acções não levam à praça a casa de ninguém.»

«Foi então a polícia? O tribunal?»

«Deve ter sido. Dizem que foi arrematada em leilão por oito mil.»

Arina Petrovna afundou-se pesadamente na cadeira e cravou os olhos na janela. Durante o primeiro minuto, pareceu paralisada. Se lhe tivessem dito que Stepán Vladímirtch tinha assassinado alguém, que os camponeses de Golovliovo se tinham revoltado e se recusavam a trabalhar para ela, ou que a servidão fora abolida, não teria ficado tão chocada. Os seus lábios moveram-se, os olhos fixaram-se na distância mas nada viam. Nem sequer reparou que, nesse momento, uma das criadas, Duniachka, passou a correr rente à janela, cobrindo qualquer coisa com o avental, e, de repente, ao ver a bárynia, deu meia volta e tornou por onde viera lentamente (noutra ocasião um comportamento desses daria origem a um inquérito completo). Finalmente, no entanto, Arina Petrovna recompôs-se e disse:

«Que linda coisa!»

E seguiram-se mais alguns minutos de tempestuoso silêncio.

«Com que então, a polícia vendeu-lhe a casa por oito mil?», perguntou de novo.

«Isso mesmo.»

«Vender a bênção da mãe, o patife!»

Arina Petrovna compreendeu que a notícia exigia uma actuação rápida, mas não conseguia pensar em nada, porque as ideias lhe corriam nas direcções mais opostas. Por um lado, pensava: «Vendida pela polícia! Mas não a venderam assim de repente! Devem ter feito um inventário, uma avaliação, devem ter posto anúncios!» Venderam-na por oito mil, quando por essa mesma casa, apenas há dois anos, ela

própria oferecera doze mil! Se soubesse, tê-la-ia talvez comprado por oito mil no leilão! Por outro lado, vinha-lhe a ideia: «A polícia vendeu-a por oito mil! A bênção da mãe! O patife! Deixar ir assim por oito mil a bênção da mãe!»

«Por quem soubeste?», perguntou finalmente, tendo chegado à conclusão de que a casa já estava vendida e que, portanto, lhe fugira para sempre a esperança de adquiri-la barata.

«Contou-me Ivan Mikháílitch, o estalajadeiro.»

«E por que razão não me avisou ele a tempo?»

«Parece que teve medo.»

«Medo? Hei-de ensinar-lhe o que é ter medo! Manda-o já vir de Moscovo e logo que chegar leva-o ao centro de recrutamento e soldado com ele! Medo?»

A servidão ainda existia, embora o seu fim já estivesse à vista. Com frequência, Antón Vassílev ouvia da sua bárynia as ordens mais peculiares, mas aquela decisão era tão inesperada, que se sentiu muito desconfortável. Recordou automaticamente a sua alcunha de «vira-casacas». Ivan Mikháílitch era um mujique próspero, e não lhe entrava na cabeça que pudesse vê-lo metido em sarilhos. Além disso, era seu amigo e agora ia para soldado só porque ele, Antón Vassílev, não fora capaz de conservar a língua entre os dentes.

«Perdoe... Perdoe a Ivan Mikháílitch, quero eu dizer!», pediu.

«Rua... conivente!», berrou-lhe Arina Petrovna em tal tom de voz que ele desistiu logo de defender o amigo.

Mas, antes de continuar a minha história, quero pedir ao leitor que conheça um pouco melhor Arina Petrovna Golovliova e toda a família.

Arina Petrovna era uma mulher dos seus sessenta anos, mas ainda vigorosa e habituada a levar sempre a sua avante na vida. Dirigia autocraticamente e sem prestar contas a ninguém a vasta propriedade de Golovliovo. Vivia em solidão e com economia, quase com avareza, não se dando com os vizinhos. Mas cultivava boas relações com as autoridades locais, e exigia dos filhos tal obediência que, antes de fazerem qualquer coisa estes se interrogavam sempre: «Que dirá a mãe?» Tinha um carácter independente, inflexível e muito dominador, para o que, no entanto, não pouco contribuía o facto de não haver um só membro da família em que pudesse encontrar oposição. O marido era um homem frívolo e bebia um bocado (Arina Petrovna costumava

dizer que não era viúva nem casada); alguns dos filhos eram funcionários em Petersburgo, outros tinham seguido o exemplo do pai e, na qualidade de «patifes», não eram admitidos a tomar qualquer parte nos assuntos da família. Devido a essas circunstâncias, Arina Petrovna cedo se habituou a sentir-se só, de modo que, para dizer a verdade, tinha perdido completamente o hábito da vida de família, embora a palavra «família» não lhe saísse da boca e, aparentemente, o único motivo de todas as suas acções fosse a sua ansiedade de provê-la bem.

A cabeça da família, Vladímír Mikháílitch Golovliov, desde a juventude que era conhecido como um homem descuidado e desordeiro, e Arina Petrovna, em contraste séria e eficiente, nunca gostara dele. Levava uma vida inútil e ociosa, fechado no escritório a maior parte do tempo a imitar o canto de estorninhos, galos, etc., e a fazer os chamados «versos livres». Em momentos de efusão, vangloriava-se de ter sido amigo de Barkóv² e que este, à hora da morte, lhe dera até a sua bênção. Arina Petrovna desde o início que não gostava dos versos do marido, chamando-lhes porcaria e palhaçadas, e como o real objectivo de Vladímír Mikháílitch ao casar fora ter sempre à mão uma audiência para os seus versos, as zangas evidentemente não tardaram. Aumentando em intensidade e amargura, essas zangas acabaram, por parte da mulher, numa indiferença completa e cheia de desprezo pelo marido-palhaço, e do lado do marido, num ódio sincero à mulher, ódio em que, no entanto, havia um considerável elemento de covardia. Chamava-lhe «bruxa» e «demónio», e ela pagava-lhe apodando-o de «moinho de vento» e «balalaica sem cordas». Nesses termos viveram quarenta anos, e nunca, nem a um nem a outro ocorreu que uma vida assim tem qualquer coisa de perverso.

Com o tempo, o espírito desordeiro de Vladímír Mikháílitch não só não diminuiu, como adquiriu um carácter ainda mais maligno. Independentemente dos exercícios poéticos no estilo de Barkóv, começou a beber e a agarrar-se às criadas bonitotas no corredor. Ao princípio, Arina Petrovna encarou a nova ocupação do marido com nojo e até com alarme (embora na sua atitude entrasse mais a ofensa à sua autoridade do que autêntico ciúme), mas depois desinteressou-se e passou apenas a vigiar para que as desavergonhadas não levassem vodka ao bárin. Assim, tendo dito para si, de uma vez para sempre, que o marido não lhe servia para nada, passou a dedicar toda a sua atenção e energia a um único objectivo: aumentar a propriedade de Golovliovo. E, realmente, durante os quarenta anos da sua vida de casada, te-

ve tempo para decuplicá-la. Com uma paciência espantosa, estava sempre de olho em propriedades próximas e distantes, informando-se em segredo da sua situação no Conselho de Tutoria³ e, como a neve no Inverno, nunca faltava nos leilões. No remoinho dessa fantástica caça às propriedades, Vladímír Mikháílitch cada vez se retirou mais para último plano e acabou por se tornar num autêntico selvagem. Na altura em que começa esta história, era já um velho decrépito que quase não se levantava, e as raras vezes em que saía do quarto, fazia-o apenas com o fim de meter a cabeça pela porta entreaberta dos aposentos da mulher e gritar: «Demónio!» — e desaparecer de novo.

Pouco mais feliz fora Arina Petrovna com os filhos. Era demasiado independente. Tinha, por assim dizer, uma natureza de solteirão que a levava a ver nos filhos não mais do que um peso desnecessário. Só respirava à vontade quando estava a sós com as suas contas e os seus planos de aquisições, quando ninguém interrompia as suas conversas de negócios com feitores, capatazes, administradores, etc. A seus olhos, os filhos eram uma daquelas fatalidades da vida, contra as quais não pensava ser correcto protestar, mas que não faziam vibrar uma só corda do seu ser mais íntimo, completamente ocupado com os numerosos pormenores da vida prática. Os filhos eram quatro: três rapazes e uma rapariga. Do filho mais velho e da filha não gostava nem de ouvir falar. Para com o filho mais novo era mais ou menos indiferente. E só pelo do meio, Porficha, sentia alguma coisa, não tanto por amor como por medo.

Stepán Vladímíritch, o primogénito, de quem principalmente trata a presente história, era conhecido na família pelos nomes de Stiúpka-pateta e Stiúpka-patife. Muito cedo fora incluído no número dos «patifes», e desde a infância representara em casa um papel entre pária e bobo. Infelizmente, era um rapaz bastante dotado, muito receptivo às influências do meio que o cercava. Do pai copiara a maldade inesgotável; da mãe, a capacidade para discernir rapidamente os pontos fracos das pessoas. Graças às primeiras características, em breve se tornou o favorito do pai, o que fez a mãe ter-lhe ainda mais aversão. Muitas vezes, quando Arina Petrovna saía a tratar de assuntos da propriedade, o pai e o filho adolescente fechavam-se no escritório decorado com o retrato de Barkóv, liam versos libertinos e davam à língua, em especial sobre a «bruxa», ou seja, Arina Petrovna. Mas a «bruxa» como que pressentia o que eles estavam a fazer: voltava para casa sem ruído, aproximava-se em bicos de pés da porta do escritório e punha-se à escuta da conversa. Então, Stiúpka-pateta levava logo uma grande tarefa.